

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

## “É PROIBIDO PROIBIR: O QUE CONTAM OS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELOS SUPERVISORES DO PIBID/HISTÓRIA/UDEL SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA.”

Elizabeth Cristina de Souza Tomazini PIBID/História /UEL<sup>1</sup>  
Sirlene Angélica Silva Brandino PIBID/História/UEL<sup>2</sup>

**RESUMO:** Isabel Barca afirma que uma das “maiores potencialidades da História é a consciência da profundidade que ela proporciona a quem procura compreender o mundo” (BARCA, 2012). Por isso, superar o ensino dos fatos históricos, sem problematização e que não prioriza a análise de diferentes ângulos é hoje um dos grandes desafios proposto ao professor da disciplina. Portanto, nesta apresentação pretendemos abordar esta questão tendo como objeto de análise os capítulos das narrativas dos livros didáticos sobre a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) adotados pelas escolas onde atuam os professores supervisores do PIBID/História/UDEL. O referencial teórico para esta análise terá como suporte os estudos da Educação Histórica sobre os manuais didáticos e as propostas de ensino de Jorn Rusen(1987) e Isabel Barca(2004).

**Palavras-chave:** Ditadura Militar; Manuais didáticos; Educação Histórica

**Financiamento:** Capes

### INTRODUÇÃO

O ano de 2014 marca os 50 anos do golpe militar que implantou a ditadura no Brasil e que perdurou até 1985. O presente artigo pretende fazer uma reflexão na forma como a ditadura militar é abordada no Ensino da História no Ensino Fundamental, tendo como ponto de partida os livros didáticos adotados pela Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Por ser uma análise muito abrangente, vamos investigar de forma mais específica apenas os livros trabalhados pelos professores do PIBID/HISTÓRIA/UDEL.

O subprojeto da História da UEL atende as seguintes escolas pertencentes à rede Estadual de Ensino Básico do Paraná : Gabriel Martins, Hugo Simas, IEEL, Tsuru Oguido, Barão do Rio Branco, Vicente Rijo e Ubedulha Correia de Oliveira e conta com 3 Coordenadores, 9 supervisores de campo e 60 bolsistas da graduação. Possibilitando assim uma análise dos livros didáticos pautada em diferentes realidades, uma vez que estas instituições estão inseridas em diversas localidades e realidades do município de Londrina.

A escolha e distribuição de livros didáticos no Brasil se tornou um dos maiores programas<sup>3</sup> de governo da atualidade, envolve a participação de editoras, consultorias que a cada triênio, encaminham para as escolas títulos que contemplam o que se espera que o aluno aprenda durante sua permanência nos bancos escolares, cabendo ao profissional de cada área de conhecimento a escolha da opção que mais se adequa à realidade onde ele atua. No estado

<sup>1</sup> Formada em História, Especialista em Educação Especial, SEED, maubete@hotmail.com

<sup>2</sup> Formada em História, Especialista. SEED sirlene.brandino@colegiolondrinense.com.br

<sup>3</sup> PNLD é a sigla que identifica o Programa nacional de distribuição de Livros Didáticos.

do Paraná é premissa que o professor observe e leve em conta ao fazer suas escolhas as Diretrizes Curriculares, que norteia os conteúdos para cada ano do ensino fundamental e Médio.

Observamos que apesar de não ser o ideal, o livro didático na rede pública é muitas vezes o único instrumento de trabalho do professor. Por isso, é de suma importância que ele tenha familiaridade com a produção historiográfica, bem como com os pressupostos teóricos e metodológicos da mesma, até mesmo pra se fazer adaptações necessárias para o melhor ensino-aprendizagem. Como afirma RÜSEN,

um dos princípios constitutivos da didática da História é o de ordem teórica, por dizer respeito às orientações e discussões sobre as condições, finalidades e objetivos do ensino de História e, ainda, envolver questões como “ para que serve ensinar História?” , “por que trabalhar História na escola?” “ e que significado tem a História para alunos e professores?( RÜSEN, 1987)

Mesmo seguindo os parâmetros curriculares do MEC, cada autor elenca os temas e a forma como serão abordado, ou seja, os livros didáticos são materiais carregados de ideologias e pensamentos específicos de cada autor. Portanto, nosso objetivo com este estudo foi analisar os livros adotados por estes professores e como a presença do PIBID pode contribuir para uma leitura mais consistentes dos mesmos, deixando de lado o caráter de manual , mas explorando-os como uma fonte histórica.

2599

### **Análise dos livros didáticos**

Isabel Barca afirma que uma das “maiores potencialidades da História é a consciência da profundidade que ela proporciona a quem procura compreender o mundo” (BARCA, 2012). Sabendo-se que o livro didático é o principal instrumento de trabalho do professor e o meio mais acessível de informação ao aluno, escolhemos quatro títulos utilizados pelas escolas atendidas pelo PIBID, observando como os mesmos trabalham o tema “ditadura militar”. Os livros analisados são: História – Sociedade & Cidadania – Edição reformulada – de Alfredo Boulos Júnior; Nova História Crítica, de Mario Schmidt; Projeto Araribá da Editora Moderna e História em Documentos de Joelza. Esther Domingues Rodrigues, todos para o Ensino Fundamental.

Em nossa análise observamos que estas obras apresentam o conhecimento histórico seguindo a cronologia linear, onde os acontecimentos do Brasil e do Mundo aparecem de forma integrada. Também há uma inspiração eurocêntrica uma vez que é a História europeia que norteia a presença dos outros povos e eventos na distribuição de temas das referidas

obras. BARCA critica esta maneira de apresentar os temas, por que dão a impressão aos jovens de que a História é uma sucessão de fatos, com ligações, onde um acontecimento desencadeia o outro. Na concepção de BARCA o ensino de História deveria ser orientado para

O desenvolvimento de instrumentalização essencial (trato com a fonte, concepções, vestígios, tempo e recorte espaço temporal) – específicas (próprias da disciplina) e articuladas (o que transita entre as disciplinas [...] ser instrumentalizado em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado. (BARCA, 2004. p. 134)

Seguindo esta premissa, de um conhecimento histórico apresentado de forma linear e eurocêntrica, nas quatro coleções o tema Ditadura Militar é exposto no 4º volume, normalmente destinado ao 9º ano. O livro de autoria de Boulos dá maior ênfase à história política e do passado público, visando desenvolver a consciência crítica do aluno, orientando sua prática como cidadão transformador da sua realidade. Isso se evidencia quando o autor afirma que

a consciência de que o passado se perpetua no presente é fundamental para o nosso sentido de identidade. Saber o que fomos ajuda-nos a compreender o que somos; o diálogo com outros tempos aumenta a nossa compreensão do tempo presente. (Boulos, 2012. P. 6)

Este autor pauta-se em referenciais teóricos da História Nova e da História Social Inglesa, ou seja, vê a História como um conhecimento em permanente construção e analisando a ação de diferentes grupos sociais nos acontecimentos. Um ponto positivo é o trabalho com imagens como charges, que muitas vezes fazem a crítica ou usam de ironia para analisar um fato.

Na coleção Projeto Araribá, que aparece como uma obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela editora Moderna, o tema Ditadura Militar está inserido dentro da Unidade sete, nomeada “ Democracia e ditadura no Brasil”. Em sua abertura são feitos questionamentos que visam mostrar ao professor os conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre o tema e nas páginas seguintes a ditadura militar é apresentada como “*um regime autoritário instituído em 1964 que durou 21 anos. Nesse regime a escolha dos governantes era feita pelos chefes militares.*”(ARARIBÁ, 2010, P. 254) As principais fontes são as charges, letras de músicas e fotografias que parecem mais ilustrativas do que parte de uma proposta de análise pelos alunos.

2600

Na obra “História em Documentos” da Professora Mestre Joelza Ester Domingues de Rodrigues, no manual do professor<sup>4</sup> ela defende que a escolha em trabalhar a História de maneira cronológica deu-se porque ela entende que esta “ajusta-se melhor ao desenvolvimento psicocognitivo do aluno, adequando-se, de forma natural, à compreensão do jovem sobre temas históricos”.(RODRIGUES, 2012, p.4). Para RODRIGUES isso permitiria criar uma “escala” de complexidade dos conceitos trabalhos indo dos mais “simples”, como Monarquia, República, para os mais complexos como feudalismo, Capitalismo, totalitarismo. Observa-se aqui que a Educação Histórica refuta tal pensamento, pois para BARCA (2004) e RÜSEN (1987 E 2007) é consenso que não há idade para aprender História ou seus conceitos, o que há são níveis de conhecimentos históricos que independem de idade ou ano escolar.

Para introduzir o conteúdo RODRIGUES trouxe o relato de Marcelo Rubens Paiva, presente na sua obra autobiográfica Feliz ano Velho e assim como no projeto ARARIBÁ, são utilizadas como fontes fotografias, trechos de músicas e charges, sendo um elemento novo o uso de páginas de jornais. Contudo nesta coleção estas não se configuram como meras ilustrações.

2601

A última obra analisada é o livro Nova História Crítica de Mário Schmidt (2001), que se diferencia dos demais pela visão marxista, amparando-se na questão da luta de classes, enfatizando os aspectos políticos e econômicos. Além disso, SCHMIDT utilizou elementos da Nova História cultural francesa, que prega a análise mais ampla da pesquisa histórica e a necessidade de análise de várias obras e de diferentes interpretações, mostrando que a História não é única e verdadeira. Talvez esta seja a obra mais crítica das outras analisadas neste artigo, já que dominados e dominantes tem o mesmo destaque. Mas, assim como os demais livros segue a linha linear e cronológica.

### Conclusão

A ditadura militar ainda é um tema delicado para a sociedade brasileira, FICO(2004) destaca que houve avanços nas leituras e interpretações que fazemos destes 21 anos. E é possível perceber isso nos livros didáticos analisados, que de certa forma trazem embutidos, um discurso de neutralidade e distanciamento nos textos que apresentam aos alunos. As obras

---

<sup>4</sup> É parte do livro didático destinado ao professor um manual onde o autor da obra expõe as teorias que embasaram a narrativa da coleção, bem como a correção das atividades propostas e, às vezes, outras sugestões de leituras ou atividades.

em questão foram bem avaliadas no guia do PNLD e por isso escolhidas pelos professores nas escolas citadas no início do artigo.

Em nossas análises constatamos que em muitas escolas o livro didático constitui-se no principal recurso utilizado pelo professor. Caminhos apontam para novas possibilidades, como a Aula- oficina de Isabel Barca, entretanto ainda há muito que se fazer para que isso se efetive nas escolas paranaenses. Neste sentido a presença do PIBID possibilita aos professores observarem a aplicação destas novas teorias, uma vez que os bolsistas se inserem no contexto escolar e trazem estas leituras. Com isso “sementinhas” são lançadas no sentido de melhorar as aulas dos supervisores de campo.

### Referências Bibliográficas:

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144

APOLINÁRIO, Raquel(editora executiva). **Araribá**. 3ª edição. São Paulo, Editora Moderna. 2010FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História. vol.24 no.47 São Paulo 2004. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882004000100003&script=sci\\_arttet](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882004000100003&script=sci_arttet). Acesso em 1º de Agosto de 2014

2602

RÜSEN, J. The didactics oh history in West Germany:towards a new self-awareness of historical studies. History an Theory, Middletown, v.26,n.3,1987)

\_\_\_\_\_. Reconstrução do passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

RODRIGUES, Joelza Ester Domingues. **História em Documento**: imagem e texto, 9º ano. 2ª edição. São Paulo: FTD, 2012.

SCHMIDT, Mario. Nova História Crítica, Ensino Fundamental. 9º ano. 2ª edição. Editora Nova Geração, 2004.

BOULOS, Alfredo Jr. História, Sociedade & Cidadania. 9º ano. 2ª edição. São Paulo: FTD, 2012

<sup>i</sup> Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora de área do Subprojeto Letras/Português-CJ.

<sup>ii</sup> Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenadora de área do Subprojeto Letras/Português-CJ.